

Entre permanência e viagem: percursos salvíficos na obra de duas escritoras suíças contemporâneas, Monique Saint-Hélier e Annemarie Schwarzenbach

Between permanence and travel: salvific paths in the work of two contemporary Swiss writers, Monique Saint-Hélier and Annemarie Schwarzenbach

Maria Hermínia Laurel

Universidade de Aveiro
hlaurel@ua.pt

Palavras-chave: literatura suíça, viagem, salvação.
Keywords: Swiss literature, travel, salvation.

É interessante verificarmos, quando estudamos as tendências da Teoria da Literatura ao longo do tempo, que a questão do relacionamento entre o autor e a sua obra tem continuado a afirmar-se como um dos principais temas de debate desta disciplina. Em particular, no campo francês, que é talvez o que conheço mais de perto, aquela questão tem mesmo constituído o cerne desse debate, para não dizer das discussões, por vezes veementes, entre os especialistas. Bem antes deste debate ter adquirido foros de violenta disputa entre duas prestigiadas instituições universitárias francesas, a Sorbonne e a École Pratique des Hautes Études, representadas, respectivamente, por Raymond Picard e Roland Barthes, dois eminentes especialistas de Racine¹, bem antes do que ficou conhecido como a “querelle de la nouvelle critique”, que devastou o final dos anos cinquenta do

¹ Racine, tragediógrafo, é uma das referências maiores da literatura clássica francesa, no seu período áureo, o século XVII. Virá a propósito enfatizar esta área de especialização de Roland Barthes, que parece ter ficado um pouco esquecida sob a figura do Barthes estruturalista. A revisitação da sua obra por ocasião das comemorações do centenário do seu nascimento não a colocaram tão pouco em primeiro plano. Veja-se, como exemplo, a publicação em Portugal do nº especial da revista *Carnets* (Janeiro de 2016), decorrente do colóquio em sua homenagem organizado pela Associação Portuguesa de Estudos Franceses em parceria com o Instituto Francês, com a presença de Antoine Compagnon, em 11 e 12 de Junho de 2015.

século XX na teoria literária francesa, outros sinais de desconforto com essa figura, a do autor, tinham surgido sob a pena quer de escritores, quer de críticos, ou de ambos. E sempre na origem de escritos virulentos, alguns dos quais fizeram história, deixaram “resto”, para empregar uma expressão barthesiana. Refiro-me a outra querela, na transição do século XIX para o século XX, protagonizada por Marcel Proust e Sainte-Beuve. Se Barthes representava, na querela acima identificada, as tendências textualistas da chamada “nouvelle critique”, Raymond Picard advogava a necessidade da perspectiva histórico-literária na abordagem da obra de um autor. Uma querela herdeira, em certa medida, da que envolvera Proust e Sainte-Beuve, em torno da sacrossanta figura do autor. Não se tratava ainda, para estes, de considerar, separadamente, a figura do texto (que, com Gérard Genette, a partir de finais dos anos 1960, se haveria de estudar no contexto das “figuras do discurso”²), da figura do autor. Tratava-se sim de distinguir, naquilo a que se poderia chamar a figura do autor, o seu *eu profundo* (para Proust) do seu *eu social* (para Sainte-Beuve): um e outro não deveriam ser confundidos, tal como não deveria ser confundido o autor com a sua obra. A partir de finais do século XIX, Gustave Lanson viria a fazer desta convergência o método de estudo que designou como o “método da história literária”, método esse de larga projecção nos estudos literários, sobretudo escolares ainda na segunda metade do século XX³.

Proust interroga-se sobre a ineficácia do método crítico de Sainte-Beuve. Para Proust, o maior erro do seu contemporâneo foi o de não ter compreendido “l’abîme qui sépare l’écrivain de l’homme du monde, pour n’avoir pas compris que le moi de l’écrivain ne se montre que dans ses livres, et qu’il ne montre aux hommes du monde [...] qu’un homme du monde comme eux”⁴ (Proust, 1971, p. 225). Para Proust, Sainte-Beuve pecou por não ter compreendido que os aspectos superficiais que o escritor mostra em sociedade não correspondem verdadeiramente ao seu eu de escritor.

Ora é ainda contra esta *fusão* de um no outro que se exprime Nathalie Sarraute, no livro *A era da suspeita* (1963)⁵, que leva o mesmo Barthes a proclamar

² V. a colectânea *Figures I* (1967) – *Figures V* (2002) e também *Métalepse: de la figure à la fiction* (2004).

³ Esse método foi objecto de estudo no âmbito da minha tese de Doutoramento, intitulada, *A História literária e o ensino da Literatura francesa (1957-1974)*, Universidade de Aveiro, 1989, inédita. Questionado ainda hoje em França por obras como a de Alain Viala/Michel Schmitt, *Faire/Lire*, Paris, Éditions Didier, 1983, a de Luc Fraisse, *L’histoire littéraire à l’aube du XXe siècle: controverses et consensus*, PUF, 2005, ou a de Alain Vaillant, *L’histoire littéraire*, Armand Colin, 2010, entre outros. A ideologia e propostas de Gustave Lanson, autor do método, são amplamente estudadas por Antoine Compagnon em *La Troisième République des Lettres: de Flaubert à Proust*, Seuil, 1983.

⁴ “o abismo que separa o escritor do homem mundano, de não ter compreendido que o eu do escritor só se dá a conhecer nos seus livros, e que só desvenda perante aquele [...] um homem mundano como ele”. Nossa tradução.

⁵ Tradução, por Alfredo Margarido, do original *L’Ere du soupçon*, livro publicado em 1956, incluindo textos redigidos entre 1947 e 1956 (Paris, Gallimard, coll. Folio/Essais). Este livro inclui o artigo epónimo, primeiramente publicado na revista *Les Temps Modernes*, em Fevereiro de 1950. Não obstante, a mesma Nathalie Sarraute publica em 1983 uma obra inteiramente autobiográfica, que intitula “Enfance”, na qual assistimos ao nascimento da escritora em que esta jurista de profissão

radicalmente a morte do autor e Michel Foucault a interrogar-se até sobre a sua existência, no início dos anos sessenta.

Reflectindo sobre as possibilidades (mas também as dificuldades) da história literária na actualidade, perante factores que identifica como “la redéfinition de l’ère du livre et de l’imprimé par la révolution numérique, le déclin des nationalismes, et la chute d’un idéal de littérature et d’autotélisme dans l’art”, como sintetiza Sophie Dubois em 2012⁶, Alain Vaillant faz especial referência, em *L’Histoire littéraire*, às propostas de Alain Viala neste campo, nomeadamente à sua concepção de literatura como “un acte de communication dont la destination est ouverte et aléatoire, la réception différée et l’utilité médiata” (Vaillant, 2010, p. 118). Partilhando esta perspectiva, o historiador literário poderá pensar a literatura já não confinada à tríade autor-texto-leitor, mas sim nos interstícios que se tecem entre estas três figuras, como sintetiza ainda Sophie Dubois no artigo acima citado.

A questão do autor leva-nos naturalmente à questão da escrita autobiográfica (campo em que pontua a voz de Philippe Lejeune⁷), a qual adquire tonalidades de autoficção na reflexão sobre o conceito cunhada por Serge Doubrovsky em 1977⁸.

No caso das duas escritoras de que nos ocupamos, a questão da escrita, que praticam no quadro da autobiografia, parece-me interrogar particularmente a temática da busca da “terra prometida”, como horizonte mítico de “salvação”. De facto, compreendo este tema como o espaço, por um lado, da reflexão sobre as motivações da escrita para um escritor e, por outro, como o espaço da reflexão sobre a prática da escrita como possibilidade de salvação.

Situadas no âmbito dos estudos sobre o autor e o seu relacionamento com a sua obra, ou seja, no âmbito dos estudos que o eminente médico e homem de letras que é Jean Starobinski designou como os da “relação crítica” (1970, 2001)⁹, várias questões poderiam ser levantadas a propósito da escrita das duas autoras que seleccionámos para o nosso estudo, tais como: as suas motivações para a escrita; o modo como entendem a sua escrita; o que esperam da sua escrita, ou, num âmbito mais vasto, como antevêm a recepção da sua obra e, logo, como antevêm o seu lugar na plêiade dos escritores; como se definem enquanto autoras, entre outras. Questões que poderão ser abordadas no quadro da indagação que

se haveria de tornar, tendo assumido o papel de figura de referência no campo teórico-literário francês de meados do século XX.

⁶ Sophie Dubois, “Théorie & pratique de l’histoire littéraire: la littérature comme système & comme acte de communication”, *Acta fabula*, 13 (1), “Nouveaux chemins de l’histoire littéraire”, Janvier 2012, <http://www.fabula.org/acta/document6742.php>. Consultado a 10 de Novembro de 2017.

⁷ Lembremos a publicação de *Le Pacte autobiographique*, em 1975. Cite-se uma obra de referência recente e muito útil no campo das letras francesas, coordenada por Françoise Simonet-Tenant, na qual colaboram, entre outros, Philippe Lejeune, *Dictionnaire de l’autobiographie: écritures de soi de langue française*, Paris, Honoré Champion, 2017.

⁸ V. Fils, Paris, Galilée.

⁹ Postura que desenvolve na sua interpretação da obra de Rousseau, e que não deixa de evocar, em contexto pós-colonial, a proposta de uma “poética da relação” de Edouard Glissant, ou ainda uma obra recente no campo da leitura, a de Serge Martin, *Voix et relation: une poétique de l’art littéraire ‘où tout se rattache’* (Marie Delabre Éditions, 2017), na esteira de Henri Meschonnic

cada uma delas prossegue quanto ao modo como perspectiva a sua obra perante si e perante os seus leitores: como possibilidade de salvação. Pois não é o mito uma entidade que toma forma na *ausência* de qualquer certeza mas, simultaneamente, na *necessidade* dessa certeza, por utópica que esta possa ser?

Não procedendo hoje o estudo da literatura nos moldes opositivos em que as várias querelas citadas o haviam circunscrito, tornando estéreis as tentativas de compatibilização entre autor e texto, texto e *hors texte* (ou seja, tudo o que está para além do texto), as perspectivas abertas pela proposta de uma *relação crítica*, par retomarmos a expressão de Jean Starobinski, são partilhadas actualmente por vários autores¹⁰.

Uma noção interessante para o estudo da problemática da relação do autor (entendido como figura ficcional) com a sua obra, a de “autor como obra”, havia já sido introduzida no livro *L'auteur comme oeuvre: l'auteur, ses masques, son personnage, sa légende*, por N. Laviolle et J.-B. Puech. Esta noção permite-nos compreender melhor o entrosamento total entre si e a sua obra a que se entregou Monique Saint-Hélier. De facto, a decisão de viver para a escrita, e o número de projectos romanescos deixados por concluir por parte desta escritora coadunam-se com aquela proposta operatória.

No entanto, o teor da sua obra aliado a circunstâncias biográficas tornam particularmente relevante um projecto literário atravessado por aquilo que poderíamos sintetizar em expressões-chave do contexto da busca da terra prometida, como a expiação de uma culpabilidade insidiosa, a procura de uma paz interior que um corpo mortificado pela doença pretende superar através do trabalho de escrita esforçado. Uma escrita que estabelece assim laços de continuidade entre a autora dos livros que compõem o chamado ciclo dos Alérac e algumas personagens do mesmo, se não a sua maior parte, num processo de autoficcionalização progressivo, projectado em cada personagem que, a cada momento da história traz novos desenvolvimentos, teoricamente infundáveis, a que só a morte da romancista, em 1955, poria um termo definitivo.

A vida de Berthe Eimann, nascida em 1895 na idade suíça de La Chauv-de-Fonds, foi marcada, desde tenra idade por acontecimentos que haveriam de moldar desde logo o seu carácter. Com efeito, viria a ficar órfã de mãe ainda antes de ter completado os quatro anos, e a cada aniversário ouvia o seu pai culpá-la pelo falecimento de sua mãe, em consequência de um parto difícil: “Tu auras été ma mauvaise étoile”¹¹, são palavras que ecoam na sua memória ao longo da vida. Donde o sentimento de desenraizamento familiar que marca a sua existência, o sentimento de ter nascido “para ser abandonada”, como afirma no seu *Diário*, com

¹⁰ V., entre outros, a colectânea de mais de 60 textos, escritos por autores reconhecidos, que Alain Brunn publica sobre a problemática do autor concebendo-a a partir de uma série de *relações*: relação do autor com o seu texto, do autor com a sociedade, com a tradição, com a sua linguagem, com a actividade de criação, enfim, pelo intermédio do sentido da sua obra, com o leitor. *L'auteur, textes choisis et présentés par Alain Brunn*, GF-Flammarion, collection “GF-Corpus/Lettres”, 2001.

¹¹ Citado por Anne Mooser, in *Monique Saint-Hélier*, Fribourg, Editions Universitaires de Fribourg, 1996: p. 6.

data de Março-Maio de 1943. Não podemos de facto ignorar que a experiência de vida daquela que viria a tornar-se a romancista Monique Saint-Héliier está sem dúvida subjacente às suas opções literárias. Impossível não relacionar aqueles sentimentos com os que atravessam muitas das suas personagens, em particular a de Catherine, “a que não tem apelido”, nesta saga, ou mesmo a de Carolle que, embora tenha um apelido, Allérac, e viva na casa de família, é filha ilegítima. Sombras que a memória aviva a cada passagem no romance *Bois mort* (1934).

Impossível para Monique Saint-Héliier esquecer uma mãe que o segundo enlace de seu pai tende a deixar cair no esquecimento, impossível não relacionar essa ausência com a sua avidez pela leitura e pela arte, ou ainda, com a propensão para uma vida interior tão exigente como discreta, marcada por um sentimento não só de tristeza latente, como de adensamento de uma culpabilidade em busca de redenção; sublinhe-se ainda a sua educação protestante, cadinho no qual se forma o espírito que atravessa toda a saga, repleta de referências religiosas. Importante frisar este aspecto da sua formação humana e espiritual, pois, pouco tempo após o seu casamento com Ulysse Briod, um estudante de teologia vocacionado também para as letras¹², ambos decidem converter-se ao catolicismo, partilhando o grande número de conversões verificadas entre escritores e intelectuais europeus no rescaldo da Primeira Guerra Mundial. Movimento que não deixou de sensibilizar até aqueles que integraram as várias tendências modernistas, fortemente empenhados em cortar todas as amarras com o mundo seu contemporâneo – o mundo “velho” –, em cortar radicalmente com as tradições artísticas vigentes, marcadas pelo Academismo, ao abrigo de um ideal de “esprit nouveau” para a criação de um mundo novo¹³. Mas voltemos a Monique Saint-Héliier. Data da conversão do casal ao catolicismo a adopção dos nomes pelos quais viriam a ser conhecidos, nomes de baptismo, e não propriamente pseudónimos literários, respectivamente Monique e Blaise. Curiosamente, Monique escolherá o nome de Saint-Héliier para pseudónimo literário, nome do monge ascético e mártir, cuja lenda se perde no fio dos tempos desde o século VI e cuja festa se celebra no mesmo dia do aniversário de sua mãe, 16 de Julho. Uma escolha que acentua, no caso desta escritora, o profundo entrosamento entre opções literárias e circunstâncias biográficas.

Tendo-se estabelecido em Paris a partir de 1926¹⁴, e tendo decidido consagrar-se às letras¹⁵, não será então de estranhar que entre as suas referências

¹² V. A tese de doutoramento de U. Briod, dirigida por Gonzague de Reynold, intitulada *L'Homérisme de Chateaubriand. Essai sur l'influence et l'imitation* (Mooser, 1996, p. 10).

¹³ Bastaria recordar Blaise Cendrars (1887-1961) contemporâneo de Monique Saint-Héliier, curiosamente oriundo também de La Chaux-de-Fonds, cujo primeiro grande poema, “Les Pâques à New York” (1911), terá muito provavelmente inspirado Guillaume Apollinaire no poema “Zone” (1913), também profundamente marcado pela procura de Deus.

¹⁴ Devido à colocação de Blaise Briot numa delegação cultural da Sociedade das Nações sediada em Paris.

¹⁵ Após o sonho gorado de uma formação médica, Monique Saint-Héliier opta por uma formação em Letras; a sua saúde débil, que a encerrará em casa cerca de dois anos após a chegada a Paris, não pode ser dissociada do seu despertar para a escrita.

se possam citar nomes como os de André Gide (1869-1951), ainda seu contemporâneo, também ele fortemente marcado pelo conflito familiar entre raízes de origem protestante e raízes de origem católica, de Jean Giraudoux (1882-1944), o autor de peças de teatro que o imortalizaram como *La Folle de Chaillot* (1945), pela sua premonitória visão sobre os efeitos da cupidiz petrolífera, *La Guerre de Troie n'aura pas lieu* (1935), peça que antecipa as motivações fratricidas que haveriam de conduzir à Segunda Guerra Mundial, de François Mauriac (1885-1970) (e sabemos quanto o modelo católico foi preponderante na obra deste romancista, com particular incidência sobre comportamentos familiares e relações de gênero conflituosas), ou ainda personalidades da cena literária parisiense como Maurice Ghéon, Jacques Maritain, Edmond Jaloux, Paul Morand ou Jean Paulhan¹⁶, com quem partilhou assídua correspondência¹⁷. Os intensos dramas familiares vividos pela maior parte das suas personagens romanescas, e que constituem a trama dos romances *Bois-Mort* (1934), *Le Cavalier de paille* (1936), *Le Martin-pêcheur* (1953) e *L'Arrosoir rouge* (1955)¹⁸, estão indelevelmente marcados tanto pela própria experiência de vida da romancista como pelo espírito da época. Daí também certamente que a atmosfera religiosa atravessasse as suas paisagens interiores: os escritores citados, no grupo dos quais Monique Saint-Héliier passará a integrar-se, do ponto de vista de uma História das literaturas em francês, é profundamente conotado com opções religiosas determinantes para a respectiva obra literária. Temas como a procura da verdade, o encontro e a descoberta de si mesmo (que evocam a figura de Rainer Marie Rilke, a quem a ligavam intensos laços de amizade, de admiração poética e um profundo misticismo), temas como a sinceridade, a exigência de si mesmo, do dom de si a determinados ideais de vida, o sacrifício das escolhas individuais perante imperativos de ordem moral ou religiosa (v. Gide, *La porte étroite*), o retraimento perante a moral vigente (v. ainda Gide, em *Les Nourritures terrestres*, ou Mauriac, em *Thérèse Desqueyroux*), caracterizam a obra daqueles escritores em cuja formação se encontram princípios de conduta de influência protestante ou católica, que a transformam em palco de conflitos de ordem moral e na subsequente aspiração a “uma terra prometida”, “mito de salvação” que rege as suas vidas. A obra de Monique Saint-Héliier situa-se assim na linha de continuidade que se desenha no romance e na poesia de língua francesa desde Paul Claudel, André Gide, Julien Green, François Mauriac, até André Malraux e Albert Camus. Nomes aos quais se devem ainda acrescentar os de D. H. Lawrence, James Joyce e Virginia Woolf, entre os seus escritores preferidos. Característica epocal? Moda ou tendência literária? Em todo o caso, estes autores cultivam temas suficientemente fortes para marca-

¹⁶ Recorde-se que Paulhan, sucedendo a Jacques Rivière, dirigiu a prestigiada *La Nouvelle Revue française* desde 1925 e, oficialmente, entre 1935 e 1940, ano em que a revista passa estar sob controlo do invasor alemão. Na clandestinidade, o seu nome está ligado à fundação de outra revista de referência, *Les Lettres françaises*, e da importante editora Les Éditions de Minuit (Tappy, José-Flore, 1995: p. 11).

¹⁷ Publicada por José-Flore Tappy, em 1995, essa correspondência inicia-se precisamente em 1941, já no período de dominação alemã de Paris.

¹⁸ Títulos que compõem a saga dos Alérac.

rem um período da História da literatura bastante longo, que se estende desde o final da Primeira Guerra até para além da Segunda, e que não podemos isolar dos efeitos dos próprios conflitos.

O mundo de Saint-Hélier é assim caracterizado pelo sentimento da incompletude pessoal da autora, da ânsia da expiação de uma culpa a que o reconhecimento da sua imperfeição a condena, invalidando a possibilidade de uma redenção.

Já no caso de Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), a busca da terra prometida não se situa propriamente num contexto religioso mas antes simultaneamente pessoal e intercultural. Na sua obra confrontam-se dois mundos, o Ocidental e o do Médio Oriente, marcados por referências religiosas inconciliáveis.

Situada no campo da literatura viática, a obra de Annemarie Schwarzenbach é fortemente motivada pelas suas deslocações. Ora, é precisamente face ao referente¹⁹, globalmente identificado com o mundo que aquelas lhe permitem descobrir, que se colocam à escritora viajante as questões existenciais que, de outra forma, tardariam a encontrar terreno (e momento) propício à sua eclosão. Tendo feito da viagem um modo de vida, o sedentarismo a que os anos de guerra a poderiam ter condenado é desafiado pela autora através da escolha de destinos longínquos.

Por outro lado, a abordagem de uma obra escrita na primeira pessoa permite caracterizar de outro modo daquele que acontece na obra de Monique Saint-Hélier a relação entre o autor e o seu texto. No caso específico de Annemarie Schwarzenbach, esta insere os seus textos num género específico, a narrativa de viagens feita pelo escritor viajante. Estamos portanto perante uma opção de escrita diferente: não se trata aqui de um desdobramento do narrador em várias personagens sobre as quais a autora vai projectar as suas interrogações, como fez Monique Saint-Hélier, mas sim de uma mesma personagem que, ao escrever a viagem, assume uma dupla função: narrador de um referente – o mundo, as aldeias, cidades, situações que compõem o dia-a-dia do seu itinerário – que descreve; mas também primeira pessoa que se interroga a si própria perante o espectáculo do mundo: o escritor viajante é sujeito e objecto da viagem, sujeito e objecto de uma viagem que, embora física é, sobretudo, ocasião de uma viagem interior. Ao escolherem como ponto de chegada a região do Kafiristão²⁰, Annemarie Schwarzenbach e Ella Maillart têm em mente conhecer uma comunidade primitiva, que lhes permitisse recomeçar e, ao mesmo tempo, afastarem-se de uma Europa que caminhava a passos largos para a Segunda Guerra Mundial; uma caminhada que aliás acabam por constatar também em muitos dos países do Próximo Oriente que atravessam, através das Embaixadas onde são acolhidas²¹,

¹⁹ Para Antoine Compagnon, o *referente* é uma das duas instâncias necessárias à existência da literatura, a par com a figura do *autor* (V. *Le Démon de la théorie*, 1998).

²⁰ Um país praticamente desconhecido no Ocidente, de islamização tardia. Note-se que a raiz do nome, 'kafir'/'infiel', corresponde ao nome dado actualmente aos 'infiéis' no contexto extremista muçulmano.

²¹ Embaixadas nomeadamente alemãs, atendendo a que a Suíça não tinha mais do que pequenas representações nessas regiões; recorde-se a surpresa de Annemarie Schwarzenbach com a saudação nazi que lhes é feita por funcionários da Embaixada alemã em Teerão.

e que se transmite aos países onde estão implantadas. Será dado a Annemarie Schwarzenbach tomar posição sobre o que vê e, como jornalista que também foi, alguns dos seus escritos de viagem, ou capítulos do livro em referência, *Où est la terre des promesses? Avec Ella Maillart en Afghanistan (1939-1940)*²², denotam um comprometimento político. Seja exemplo o capítulo intitulado “Les femmes de Kaboul”, onde analisa o estatuto da mulher no contexto muçulmano do tempo, tão contrastante com o seu, de mulher ocidental, educada, emancipada e livre. Mas a viagem que escolhe oferece-lhe o espaço de reflexão necessário à prossecução da outra viagem – cuja origem e destino não pode decidir – que constitui a sua vida. Será também necessário referir que este livro ganha em ser lido em paralelo com aquele que foi escrito pela sua companheira de viagem, a jornalista e fotógrafa Ella Maillart: *La voie cruelle*²³.

Note-se que, à época, o nome de Annemarie era já conhecido por artigos e reportagens fotográficas assinados por si, sobre viagens realizadas na Europa, Ásia e Estados Unidos, segundo o seu biógrafo, Roger Perret²⁴. De facto, o objetivo desta viagem, cujo itinerário era já em parte conhecido por Ella Maillart e, em parte, por Annemarie Schwarzenbach, foi mais uma tentativa de libertação das convenções sociais e familiares que asfixiavam a sua afirmação identitária, e também das dependências (em parte, a morfina) a que Annemarie Schwarzenbach vinha sucumbindo desde há alguns anos, intervalando com algumas curas de desintoxicação. A viagem constitui pois desde logo a procura de uma resposta a um problema existencial, o que explica o teor interrogativo do livro a que nos referimos: *Où est la terre des promesses?*, literalmente: *Onde está a terra prometida?* Questionamento que poderíamos perfeitamente traduzir pelo intitulado do nosso colóquio: “Em busca da Terra prometida”. Com uma diferença no entanto. Pelo seu tom interrogativo, ele indicia desde logo a falência dessa busca. Uma falência que as duas viajantes constatarem duplamente: para Ella Maillart, a sua incapacidade em ajudar Annemarie Schwarzenbach a libertar-se das suas dependências; para esta, a desilusão perante a condição social do Afeganistão, com particular incidência sobre o estatuto da mulher e a irracionalidade dessa condição, que nada pode justificar, tão distante dos valores que defende para a condição humana; perante a ignorância recíproca entre o Ocidente e o Oriente, com particular destaque para os resultados negativos que constata nos países por onde viajou, como a Turquia, a Pérsia (o actual Irão), os países do Cáucaso russo-soviético, o Afeganistão; e, por fim, a desilusão perante a constatação do carácter inelutável e irreversível das suas dependências. Confrontada com a sua solidão, no final da viagem, ela guarda na memória o nome, irónico, da cidade de Thera-

²² Livro cuja publicação foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, mas também pela morte accidental de Annemarie Schwarzenbach em 1942.

²³ Obra cujo original foi escrito em língua inglesa, na Índia, entre 1943 e 1945, *The Cruel Way*, e publicado em 1947; traduzido em francês pela autora em 1947-48 e publicado em 1952, em Genève.

²⁴ V. o posfácio assinado pelo autor, “Mon existence, condamnée à l’exil et à l’aventure”, in Schwarzenbach, 2004: p. 180.

pia (Annemarie Schwarzenbach usa no seu livro a designação grega da cidade), ou Tarabya, que avista ao Norte de Istambul, na margem ocidental do Bósforo:

Que me reste-t-il de cette effrayante solitude? Therapia est aussi éloignée que les îles de l'enfance. Tout a déjà été dit, surmonté, je voudrais maintenant enfouir mon visage et me taire [...] Si seulement je pouvais raconter comment s'est déroulé ce voyage aujourd'hui terminé, toutes les épreuves surmontées, les dangers, les magies, les choses inoubliables – et m'étendre encore une fois dans la courbe douce de la baie de Bandra, laisser reposer mes yeux dans les tons sombre ! Encore une fois ! Le réconfort de l'aurore ! Mais j'ai tout oublié, même la dernière heure. (Schwarzenbach, 2004, pp. 24-25)²⁵

Embora tão diferentes, quer pelos seus percursos de vida, quer pelas suas motivações para a viagem, Monique Saint-Hélier e Annemarie Schwarzenbach unem as suas vozes num mesmo clamor pela salvação. Podemos concluir dizendo que elas abrem o caminho para as reivindicações feministas a que a escrita de uma Alice Rivaz dará expressão pouco tempo depois, no imediato pós-guerra, abrindo novo capítulo na história das letras romandas no século XX, no feminino.

Uma busca que se salda pela escrita que lhe dá forma e voz. Por isso me parece relevante perceber o que significa escrever para estas duas escritoras, à luz de uma *relação crítica* entre a sua vida e a sua obra. Não será a escrita o único espaço de busca da terra prometida, da sua salvação pessoal? Mais do que um tema literário, essa busca revela-se, para ambas, a sua razão de ser, de existir, como pessoas.

Referências bibliográficas

- Lavialle, N. & J.-B. Puech (Dir.) (2000). *L'auteur comme oeuvre: l'auteur, ses masques, son personnage, sa légende*. Orléans: Presses universitaires d'Orléans.
- Maillart, E. (2001). *La Voie cruelle*. Paris: Éditions Payot & Rivages, Petite Bibliothèque Payot/Voyageurs.
- Proust, M. (1971). *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, coll. La Pléiade.
- Sainte-Hélier, M. (1943 [1936]). *Le Cavalier de paille*. Genève: Les Imprimeries Populaires/La Guilde du Livre.
- Sainte-Hélier, M. (1985 [1934]). *Bois-Mort*. Lausanne: Éditions l'Age d'Homme.
- Sainte-Hélier, Monique (1986 [1955]). *L'Arrosoir rouge*. Lausanne: Éditions de L'Aire.
- Sainte-Hélier, M. (1987 [1953]). *Le Martin-pêcheur*. Lausanne: Éditions l'Age d'Homme.
- Sarraute, N. (1963). *A era da suspeita*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores.
- Schwarzenbach, A. (2004). *Où est la terre des promesses? Avec Ella Maillart en Afghanistan (1939-1940)*. Paris: Éditions Payot & Rivages, Petite Bibliothèque Payot.
- Tappy, J.-F. (1995). *Paulhan-Sainte-Hélier: Correspondance 1941-1955*. Paris: Gallimard.

²⁵ “O que me resta dessa pungente solidão? Therapia está já tão longínqua do meu espírito como as ilhas da infância. Tudo foi já dito, ultrapassado, só quereria agora esconder a minha cara e calar-me [...] Se ao menos eu pudesse contar como decorreu essa viagem que já chegou ao fim, depois de vencidas todas as suas etapas, os perigos, as magias, as coisas inesquecíveis – e estender-me mais uma vez na curva suave da baía de Bandra, deixar os meus olhos repousar nos seus tons sombrios ! Mais uma vez! O conforto do nascer do dia ! Mas eu já esqueci tudo, até mesmo a última hora ”. Nossa tradução.

Resumo

Pretendemos estudar neste artigo alguns percursos viáticos, mas também biográficos, de duas escritoras suíças do século XX, percursos convergentes em torno de um objectivo comum: a salvação. Independentemente da ausência de mobilidade ou da mobilidade que marcou a vida de cada uma, um objectivo transparece das suas obras. Se, para Monique Saint-Hélier, condenada pela doença à imobilidade, a escrita se revela como uma razão de viver, mas também como o palco dos conflitos não resolvidos que dilaceram as suas personagens na procura de uma salvação impossível, é na viagem e num estado de mobilidade permanente que Annemarie Schwarzenbach tenta encontrar a *terra prometida* (para parafrasear o título sob o qual publica o relato da sua viagem ao Afeganistão, entre 1939 e 1940, na companhia da fotógrafa e também grande viajante Ella Maillart, *Où est la terre des promesses?*). Escritoras que nada aproxima (a não ser a sua nacionalidade e a sua contemporaneidade), nem em termos biográficos, que percorreremos brevemente, nem nos modos de escrita, sobre os quais nos debruçaremos com maior atenção, a procura da salvação transparece da obra de ambas num tempo particularmente grave da história europeia, e mundial, marcado pelos sinais do conflito eminente que, em parte, iria determinar a vida e a obra de cada uma.

Abstract

In this article, we intend to study some viatical, but also biographical, itineraries of two twentieth century Swiss writers, paths converging around a common goal: salvation. Irrespective of the lack of mobility or the mobility that has marked their lives, an objective is evident from their works. If, for Monique Saint-Hélier, condemned by illness to immobility, writing reveals itself as a reason for living, but also as the stage of unresolved conflicts that tear their characters in search of an impossible salvation, it is in the journey and in a state of permanent mobility that Annemarie Schwarzenbach tries to find the promised land (to paraphrase the title under which she publishes the account of her trip to Afghanistan between 1939 and 1940 in the company of the photographer and also great traveler Ella Maillart, *Où est la terre des promesses?*). Writers who have nothing in common (other than their nationality and their contemporaneity), nor in biographical terms, which we will cover briefly, nor in the modes of writing, on which we will focus more carefully, the search for salvation appears in their works at a particularly grave time in European and world history, marked by the signs of the imminent conflict that would partly determine their lives and works.